



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 3, v. 1 mai.-out. 2015

p. 52-63.

Gênero, poder e subjetivação: compreensões a partir da leitura de *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*

Elza Ferreira Santos ¹

RESUMO: O presente artigo é uma leitura de textos de Judith Butler. Tece uma compreensão construída, principalmente, em torno do conceito subjetivação. Esse conceito foi um dos sustentáculos de uma tese que estudava as posições subjetivas que mulheres assumiam quando exerciam carreiras historicamente denominadas masculinas. A fim de erguer a tese, os livros da filósofa americana eram peças com quem o diálogo era constante. Entre eles, um se destacou para mim: *Mecanismos psíquicos do poder*, sobre o qual ancorei este artigo. A leitura não foi nada fácil dada a intensa interlocução feita com a filosofia – especialmente com Hegel, Nietzsche e Althusser – e com a psicanálise – especialmente com Freud e Lacan. Além disso, como, no Nordeste brasileiro, as análises e os debates quase sempre eram sobre *Problemas de gênero*, as compreensões sobre *Mecanismos* eram muito solitárias. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar como foram meus primeiros contatos com os estudos de Judith Butler, como assimilei os conceitos de gênero, performance, assujeitamento, e como fui empregando-os numa pesquisa que tratava de mulheres técnicas em cursos da área de informática e da área de indústria..

PALAVRAS-CHAVES: Judith Butler; Subjetivação; Gênero.

Abstract: This article is a reading about Judith Butler texts. It refers to a built understanding, particularly around the concept of subjectivity. This concept was one of the pillars of a thesis which studied the subject positions assumed by women while exercising historically called male careers. In order to support the thesis, the american philosopher books were pieces with whom dialogue was constant. Among all those dialogues, one is greatly relevant to me: *The psychic life of power* on which I have anchored this article. The reading was not really easy considering the intense dialogue made with the philosophy - especially with Hegel, Nietzsche and Althusser - and psychoanalysis - especially with Freud and Lacan. Moreover, as in the Brazilian Northeast, analyzes and discussions were almost always on *Gender trouble*, the insights into *The psychic life of power* were very lonely. Thus, the objective of this paper is to present the way my first contacts with Judith Butler's studies were, and how I assimilated the concepts of gender, performance and subjection besides using them in a research that dealt with technical women in computing area courses and industry area.

Keywords: Judith Butler; Subjectivity; Gender.

Resumén: Este artículo es una lectura de textos de Judith Butler. Teje una comprensión integrada, especialmente alrededor del concepto subjetividad. Este concepto fue uno de los pilares de una tesis donde se estudió las posiciones de sujeto que las mujeres asumieron cuando ejercían profesiones históricamente llamadas masculinas. Para el propósito de aumentar la tesis, los libros de la filósofa americana eran piezas con quien el diálogo era constante. Entre ellos, se destacó a mí: *Mecanismos psíquicos del poder* ancladas en este artículo. La lectura no fue fácil debido al intenso diálogo mantenido con la filosofía - especialmente con Hegel, Nietzsche y Althusser - y el psicoanálisis - especialmente con Freud y Lacan. Además, como, en Nordeste brasileño, las análisis y discusiones fueron casi siempre en *Problemas de gênero*, los conocimientos de los *Mecanismos psíquicos del poder* eran muy solitarios. Así, el objetivo de este trabajo es presentar como fueron mis primeros contactos con los estudios de Judith Butler, como asimilé los conceptos de gênero, rendimiento, sujeción y como fui usando ellos en una investigación que hablava de mujeres técnicas en cursos de computación y cursos de la industria.

Palabras clave: Judith Butler; Subjetividad; Género.

¹ Graduação em Letras (UFS), Mestrado em Ciências da Educação (ULHT) e Doutorado em Educação (UFS). Instituto Federal de Sergipe (IFS). E-mail: elzafesantos@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como intuito partilhar reflexões acerca dos estudos de Judith Butler, mais precisamente sobre aqueles que versam sobre gênero e subjetivação. Quando conheci seus livros, havia alguns comentadores deles aqui no Brasil, mas em Sergipe, no núcleo de pós-graduação em Educação (NPGED), entre 2006 e 2012, tive de lê-los praticamente sozinha. A discussão aconteceu nos momentos de apresentação de seminários, qualificação e defesa de tese. Nos centros acadêmicos nos quais se discutia educação e gênero, falava-se dela, mas com profundidade discutiam-se mesmo eram as filósofas de vertente marxista. Aos poucos fui observando que só nos congressos que tinham como tema especificamente os assuntos de gênero é que se podia ter acesso a um profícuo debate sobre os estudos queer.

Seus livros também, nesse período, por incrível que pareça, circulavam pouco. A exceção era *Problemas de gênero*. Em quaisquer discussões ele era e ainda é citado com veemência. Circulavam também alguns artigos e algumas entrevistas. Quando comecei a minha pesquisa de doutorado, *Problemas de gênero* foi fundamental e o tomei como ponto de partida, mas precisava das outras publicações e essas só as encontrei fora do país.

Assim, no percurso da produção da pesquisa, debruçava-me num diálogo intenso com seus textos. E comecei a fazer fichamentos e resenhas como uma aplicada principiante pesquisadora. Tudo isso para único e exclusivo interesse particular. Só agora, depois de três anos, busco esses textos e os reúno a fim de expressar, no corpo deste trabalho, como foi minha imersão em Judith Butler. Citarei, ao longo do texto, alguns de seus trabalhos, mas a prioridade é o seu livro *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*, um livro que me acompanhou diuturnamente. Sobre ele, teço reflexões tal como um exercício hermenêutico, associando-as, na medida do possível, à pesquisa que desenvolvi no doutoramento em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

No princípio, nem Butler havia

Em 2006, quando defendi a dissertação², ainda não havia conhecido os livros de Judith Butler. Na ocasião, estudava as relações que se construíam entre homens e mulheres favorecendo para que estas escolhessem determinadas profissões em detrimento de outras. Como problema de pesquisa me inquietava compreender as razões que faziam das mulheres o maior contingente no magistério

² Na ocasião, a dissertação foi orientada pelo Professor Dr. Antônio Teodoro e teve como título *Mulheres entre o lar e a escola: os porquês do magistério*.



mesmo nas últimas décadas com tantas outras possibilidades de trabalho (SANTOS, 2009). Em 2008, quando comecei a organizar o projeto para uma tese, interessava-me outro ângulo: as mulheres que exerciam carreiras que historicamente se ergueram como masculinas, especificamente as que estudavam os cursos de Eletrônica, Eletrotécnica, Eletromecânica e Informática no Instituto Federal de Sergipe (IFS). Foi nesse universo tradicionalmente pseudomasculino, ao averiguar como se posicionam as mulheres no exercício profissional, que me deparei com as leituras de Butler e penso que não poderia ser diferente uma vez que seus textos denunciavam a ideia de que o gênero – constructo social do sexo – ao contrário do que se esperava, também compactuava com o binarismo pertinente aos estudos da biologia. O assunto que pesquisava também desafiava os constructos sociais tradicionalmente legados ao sexo feminino.

Como se sabe, o conceito de gênero passou a ser usado com o intuito de afastar-se do binarismo sexual oriundo das regras naturalizadas pela biologia. Algum tempo depois, o conceito foi se apropriando de outras demandas como a de não ser o gênero apenas produto de uma construção social, mas acima de tudo produto das relações antagônicas ou igualitárias que homens e mulheres mantêm. Nessas relações se inseriu aos poucos outra noção muito cara às feministas, o conceito de poder. A partir, principalmente, dos estudos de Scott (1989), vê-se a relação homens e mulheres integrada a uma rede de poder. Com a filósofa americana Judith Butler, também, as categorias gênero e poder se associam para compreender como se constitui o sujeito na contemporaneidade.

Evidentemente, o primeiro livro que li foi *Problemas de gênero*, sua obra mais divulgada no Brasil, e a este se seguiram outros. Publicado em 1990, *Problemas de gênero* trata da subjetividade, mostra que o sujeito não é uma entidade substancial que possa representar um grupo, por exemplo, o das mulheres. O livro aposta na instabilidade e fluência do sujeito. Consequentemente toda a política feminista que estava centrada na concepção de um sujeito essencial parece encrencada, impossibilitada, talvez, de lutar em nome das mulheres que compõem o mundo. Butler mostrará que o sujeito do feminismo é efeito de uma política representacional. É uma “formação discursiva” (BUTLER, 2003, p. 19).

Compreendido o conceito de gênero, veio a desconstrução

De posse de outras leituras, julgava consolidada a compreensão acerca do conceito de gênero, isto é, havia aprendido que o conceito de gênero não nega a Biologia, mas apenas valoriza a construção do sujeito a partir da história. A caracterização biológica que cada um - homem e mulher - tem também é vista, mas como aquela que também é produzida pelo social e pelo histórico. Assim, as



desigualdades entre os dois sexos não estão nas diferenças sexuais, mas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 2003). O papel de gênero é “o conjunto de expectativa em relação aos comportamentos sociais que se esperam das pessoas” (STREY *et al*, 2001, p. 10).

O problema é que ao estudar jovens estudantes – mulheres e homens – comecei a perceber que essas pessoas traziam características que destoavam daquilo que se esperava socialmente delas. Por exemplo, as meninas de eletromecânica precisavam ser fortes para pegar máquinas pesadas, ser agressivas para conseguirem uma vaga de estágio ou de emprego mas, ao mesmo tempo, eram cuidadosas com o trato da beleza usando batons e pintando as unhas ao se apresentarem para trabalhar como eletricistas ou mecânicas nas empresas. Nem se apegavam ao estereótipo – mecânicos têm aparência descuidada – nem negavam que precisavam se parecer com eles na força e na agressividade. Elas criavam performances na medida em que novas situações lhes ocorriam a fim de garantir a sobrevivência, de contestar a opressão ou de subverter o poder dos chefes, que em geral eram homens.

Precisava, logo, compreender gênero como discurso, pois como tal a construção social do que se espera de uma mulher no nordeste brasileiro era ora presentificada, ora negada. Com Butler, a noção de poder é ampliada e a noção dualista de gênero é criticada, pois mesmo ao trocar sexo por gênero continuamos a empregar masculino e feminino como se fossem correspondentes de macho e fêmea, respectivamente: “El género es el aparato mediante el cual tienen lugar la producción y la normalización de lo masculino y lo femenino, junto con las formas intersticiales hormonal, cromosómica, psíquica y performativa que el género asume” (BUTLER, 2005, p. 11).

As noções de masculino e de feminino começam a se naturalizar como se estivessem esperando que homens e mulheres se comportem não mais como “manda” a biologia, mas sim como se organiza a cultura. Ou seja, o conceito de gênero que veio para desconstruir os valores naturais/biológicos acaba por cair na armadilha das regras sociais. O aparato simbólico criado pela cultura patriarcal e científica impõe valores e o conceito de gênero submete-se a eles. A proposta é que os estudos de gênero possam também desconstruir este aparato sociocultural que empurra homens e mulheres para um binarismo masculino e feminino: “estamos sugiriendo que el género tiene una manera de moverse más allá de ese binario naturalizado” (BUTLER, 2005, p. 12).

As estudantes dos cursos técnicos do IFS colocavam-se apropriadas para, em sala de aula, por exemplo, redigirem e para apresentarem trabalhos quando solicitados por professores, pois possuíam caligrafia satisfatória, dicção melhor que a dos estudantes. Mas, na corrida desenfreada



por estágio extracurricular ou mesmo pelo emprego, colocavam-se como aptas para executarem trabalhos pesados, como carregar motores, deslocar máquinas de grande porte etc. Os discursos típicos de fragilidade ou de negação deles se reversavam no dia a dia das aulas. A posição de sujeito era regulada pelas necessidades práticas.

O gênero não escapa do poder regulador, entenda-se poder regulador no sentido foucaultiano – aquele que se constitui historicamente e opera sobre os atos sociais e culturais. No caso do gênero, trata-se de um caso distinto: “El género requiere e instituye su próprio y distinto regime regulatório y disciplinario” (BUTLER, 2005, p. 10). De acordo com a filósofa feminista, a heterossexualidade vigente tem exigido e regulado o gênero de acordo com um binarismo excludente – o masculino não só se opõe ao feminino tampouco onde um se faz presente o outro se faz ausente. Assim, o gênero funciona como um mecanismo por meio do qual se produzem e naturalizam as ideias e as imagens de masculino e feminino.

A filósofa feminista Judith Butler questiona se não poderia ser o gênero o mecanismo pelo qual houvesse desconstrução e desnaturalização do que já foi instituído na cultura. Caso contrário: um discurso “restrictivo acerca del genero que insista em el binário de hombre y mujer como la única forma de entender el campo del género lleva a cabo una operación regulatória del poder que naturaliza la instancia hegemónica y excluye la posibilidad de pensar em alterarla” (BUTLER, 2005, p. 12). Ora, o que se passa comumente em uma escola?

Quanto às alunas, espera-se delas, muitas vezes, que se comportem ou que se apresentem bem femininas, isto é, que ajam com meiguice e afetividade, pois se sabe que foram formadas em uma cultura e nela esperam-se tais atributos, ainda que sejam categorizados como psicológicos ou sociais. Então, qual não é a surpresa quando agridem fisicamente alguém ou gritam palavrões ou escolhem trabalhar como técnicas em eletrotécnicas. Entendemos, pois, que o gênero escapa do sexo. O gênero que se reconhece não é a representação social do sexo que classifica as alunas em questão, efetivamente. Mais que isso, noutro momento, aquelas mesmas meninas que estavam a gritar ou a bater, podem se apresentar bastante meigas ou com gosto para tricotar. O que se pode entender com isso? O gênero também escapa das determinações sociais?

O poder para além do social



É assim que chego à leitura de *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*, publicado em 2001³. Em tal livro, um dos objetivos é saber “cuál es la forma psíquica que adopta el poder?” (BUTLER, 2010, p. 13), já que os estudos foucaultianos pouca importância atribuem às explicações de ordem psíquica. Para alcançar seus propósitos a autora valeu-se de Foucault e de Freud. Juntos, suas teorias contribuíram para entender que formas assumem o poder nesse processo de constituição do sujeito. Além deles, traçou uma compreensão acerca da dependência e liberdade presentes na relação entre o escravo e seu amo – *Fenomenología del espíritu*, Hegel; um entendimento dos processos que compõem a “conciencia y a la mala conciencia” – *La genealogía de la moral*, Nietzsche. Recorreu também aos conceitos de interpelação – Althusser –, e ao de excrescência – Lacan –, entre outros.

Em *Mecanismos psíquicos del poder* existe a compreensão de que o poder exerce pressão sobre o sujeito a partir de fora, algo que subordina. Além disso, o poder também forma, compõe o sujeito, proporciona a existência e a trajetória de seu desejo. Assim o poder que oprime também o é determinante para a existência: “La sujeción es el proceso de devenir subordinado al poder, así como el proceso de devenir o sujeto” (BUTLER, 2010, p. 12).

A existência humana depende, portanto, do poder de fora – alimentação, cuidados, linguagem – e da aceitação dele, internalizar esse poder e, posteriormente, responder-lhe, questioná-lo ou negá-lo constitui o sujeito. É consenso entre os autores citados que o poder aparece, em princípio, como uma força externa que pressiona o sujeito, o subordina, assume uma forma psíquica que constitui a identidade do sujeito. Isso não significa descobrir o momento fundador do sujeito. O estatuto ontológico será sempre incerto e como tal Butler vai valer-se de uma metáfora para explicá-lo: o tropo de “*la vuelta*” sobre si mesmo, ainda que não se saiba em torno de que ou como, pois como tal o sujeito ainda não existe.

O fato é que o poder atua sobre o sujeito de duas formas: como o que lhe torna possível em ocasião de sua formação e como aquele que é adotado e reiterado na própria atuação do sujeito. Para tanto ocorrem duas modalidades temporais. Em primeiro lugar o poder pré-existe ao sujeito, ele vem de fora, depois o poder vai ser efeito voluntário do sujeito. Como? O sujeito provocará uma subordinação ao mesmo tempo em que se preparará para resistir a esse poder e se opor a ele. Por que isso acontece? O lugar que o sujeito ocupa é o lugar da ambivalência.

³ A edição a que tenho acesso e a que faço referência é a segunda, publicada em 2010.



No primeiro capítulo, Butler aproxima Hegel, Freud e Nietzsche. As diferenças entre eles são vistas, mas a autora opta por expor o que os torna equivalentes na tentativa de entender a submissão do sujeito e ao mesmo tempo sua autonomia. O corpo que se quer suprimir é preservado, o recalque do desejo não o anula tampouco impede sua manifestação por meio da dissimulação nas neuroses ou na formação de sintomas. Tanto em Hegel como em Freud, “la lógica del sometimiento implica que el instrumento de la supresión se convierte en la nueva estructura y finalidad del deseo, al menos cuando el sometimiento demuestra ser efectivo” (BUTLER, 2010, p. 71). A questão deixada em aberto é até que ponto os regimes reguladores exploram a vontade de vincular-se ao que busca suprimir ou negar essa vinculação?

No segundo capítulo, a autora põe a conversarem Nietzsche e Freud. Para este a consciência é descrita como uma força de desejo que se volta sobre si mesma, e nessas voltas está a proibição contra a ação de sua própria possibilidade. Para aquele, a vontade se volta sobre si mesma como se fosse uma agressão para constituir a moral, é a violência que constituirá o sujeito como reflexivo. Para ambos, a força que move a consciência é a mesma que move a proibição e disso se geram acontecimentos ideais e imaginários. Não há pretensões ontológicas, mas a dimensão formativa e construtiva da vida psíquica supõe uma renúncia ao desejo diante dos ditames culturais, o desejo renunciado (nunca eliminado) converte-se na consciência e disso nenhum sujeito poderá prescindir, embora cada um faça e refaça as voltas de modo particular. O lugar do desejo ou da vontade é o lugar no qual o social envolveria o psíquico em sua mesma formação.

No terceiro capítulo, a metáfora da prisão servirá para explicar o processo de subjetivação do corpo. A partir da compreensão de *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 2007), Butler deduz que a sujeição ou assujeitamento não é só uma subordinação, mas também uma consolidação e conservação do sujeito, uma subjetivação. Não existe corpo fora do poder posto que a materialidade do corpo – de fato, a materialidade mesmo – é produzida por e em relação direta com a investitura do poder. E onde está o sujeito? O sujeito não só ocupa efetivamente o lugar do corpo, mas também atua como a alma que o enquadra. Há aí também a construção da resistência.

Em Foucault (2006), a subversão aparece no percurso de uma subjetivação que transborda os fins normalizadores que a ativam, por exemplo, no contradiscurso. Aparece também na convergência com outros regimes discursivos quando uma complexidade discursiva involuntária minar a normalização. Os discursos deixam brechas, há deslizos e neles o contradiscurso emerge. “la resistencia es presentada, por tanto, como efecto del poder, como una parte del poder, como su



autosubversión” (BUTLER, 2010, p. 106). Em Foucault, a resistência é definida como efeito do mesmo poder a que se opõe ao passo que em Lacan (1953; 1999) a noção de poder social faz-se presente no âmbito simbólico e a resistência no imaginário. Para Foucault (2009), o simbólico produz as possibilidades de suas próprias subversões e essas são efeitos inesperados das interpelações simbólicas.

No quarto capítulo, o conceito privilegiado é o de interpelação presente na obra de Althusser. É na linguagem e como consequência dela que nasce o sujeito. Desde o início as habilidades que se tem de aprender na vida são habilidades da “palavra”, é por meio da linguagem que se constituem as regras e que essas são assimiladas. O domínio e a submissão à linguagem são encarnados pelo sujeito e sua atuação é a repetição do que foi encarnado, o que não significa repetir a mesma operação pois o sujeito emerge onde há fissuras. O que se percebe é que a linha percorrida por Butler ao ler esses autores reitera a ideia de que o sujeito só se constrói através do vínculo apaixonado pela lei.

No quinto capítulo, Butler retoma textos clássicos de Freud, como *Os três ensaios sobre a sexualidade* (1990a), *O mal-estar na civilização* (1990b), entre outros. Além deles, retoma também dois de seus textos, a saber: *Problemas de gênero* (BUTLER, 2003) e *Cuerpos que importan* (BUTLER, 2008). Tudo isso serve para defender a ideia de que o gênero é uma espécie de melancolia ou um efeito da melancolia. Por quê?

Ela compreende tanto o complexo de Édipo quanto o mito Totem e Tabu – explicações freudianas para a proibição do incesto – como inseridos numa norma que define a sexualidade como heterossexual. Essa sexualidade, por sua vez, constrói uma performance que tem como estratégia promover a estrutura binária do gênero. Mas a autora reconhece que a performance resulta de contingências históricas, logo, o gênero não é uma identidade estável, é concebida como “uma temporalidade social” (BUTLER, 2003, p. 200) ou “estos esquemas reguladores no son estructuras eternas, sino que constituyen criterios históricamente revisables de inteligibilidad que producen y conquistan los cuerpos que importan” (BUTLER, 2008, p. 36).

Em nossa cultura, a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que esses são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A relação de regularidade erguida entre fêmea que se constituiria como feminina e o macho como masculino é questionada pelo travestismo, pela intersexualidade, pelas mulheres com corpos másculos, enfim, o sujeito subverte a



Lei. Não raro, a literatura brasileira registra a típica “mulher macho” da região nordeste. São as mulheres que acompanharam o cangaço, mulheres que enfrentaram as intempéries da seca, entre outras. Como se também elas infringissem o código feminino atribuído culturalmente ao seu corpo. Assim, as mulheres mecânicas, eletrotécnicas (sujeitos de nossa atual pesquisa) parecem, em princípio, infringir o código de beleza e delicadeza ditado socialmente.

Para Butler, o complexo de Édipo, antes de recalcar o amor proibido pela mãe e pelo pai, recalca o amor homossexual, é esse desejo continuamente imposto como tabu pela sociedade. Assim, o gênero se produz como uma repetição ritualizada de convenções e esse ritual é imposto socialmente por conta, em grande parte, da força da heterossexualidade doutrinada.

Porém, o que percebi, a partir da pesquisa, foi que, em meio à repetição convencional, imposta socialmente, surgem, através do discurso, contradições e resistências. A engrenagem escolar é sacudida, quase sempre, pelos novos anseios vivenciados lá dentro a partir da dinâmica da sala de aula, dos corredores, dos laboratórios e pelos anseios trazidos de fora com a família e com o mundo do trabalho. O ingresso de alunas nos cursos da área de indústria, por exemplo, causa incômodos. São as estranhas no ninho. Os professores, não raro, expressam surpresa ou incômodo. Nos exercícios, nomeiam alunos para executarem a tarefa, depois deles, convocam as alunas. Se elas acertam, nenhum comentário, mas se erram, dizem “é difícil mesmo para vocês”, “não está na hora de repensar se devem estar nesse curso”. Apesar dos comentários, é por meio deles que elas podem se posicionar: retrucando, resmungando ou silenciando. De um modo ou de outro, o corpo se faz presente nas aulas, o corpo insiste e perturba. Elas vão elaborando defesas.

O capítulo quinto também contém um texto produzido por um de seus interlocutores – Adam Phillips – e, posteriormente, uma resposta ao comentário dele. Tanto um quanto o outro tratam da questão da melancolia que supostamente compõe o gênero. Nessa interlocução ratifica-se a ideia freudiana de que o Eu se funda sobre a relação que mantém com os que ama e com os que odeia. Como se trata de uma relação com outros, há sempre novidade, pois o Eu não é ser, é “ser como” (coerente com a ideia de posição). Consequentemente, se, por um lado, não há um verdadeiro Eu ou uma identidade formadora do gênero, por outro lado, “nunca habrá más identidades de género que las que podamos inventar y interpretar” (BUTLER, 2010, p. 169).

Em relação à melancolia, a meu ver, Phillips, atualizando Freud, argumenta que a ideia de um mundo “sin luto nos parece tan inconcebible como la de un mundo sin castigo” (2010, p.168-169). Daí penso que o tabu pontuado por Freud (1990c) não pode se restringir apenas ao primeiro amor, tampouco,



como defende Butler, a um desejo homossexual, o tabu estende-se ao desejo de promiscuidade. Além disso, se houvesse uma comunidade cuja cultura incentivasse o desejo homossexual e sua concretização fosse comum culturalmente, mesmo assim haveria a melancolia, a angústia, afinal, não existe a construção do sujeito sem a “violência”, sem a “lei”, sem a “moral”, sem a “perda”.

No sexto capítulo, a melancolia continua a ser estudada, associada agora aos conceitos de ambivalência e de cólera. Melancolia, a partir da psicanálise freudiana, parece ser um “proceso de internalización, y sus efectos podrían interpretarse como un estado psíquico que efectivamente há reemplazado al mundo en el que habita” (BUTLER, 2010, p. 194), é a perda de um objeto externo que atinge o Eu como se o Eu encarnasse a perda, ao contrário do narcisismo, em que o Eu sente o outro em abundância. Na melancolia, o Eu se sente só, sente a “sombra da morte”. O melancólico, segundo Bhabha (outro autor citado por Butler) dirige contra si mesmo a condenação que lançaria contra o outro. O sujeito está, portanto, implicado na vida linguística e social, não podendo produzir-se independente.

O sujeito constitui-se mediante a imposição de poder. O poder é ambivalente pois, se é uma imposição, também é de onde parte a emergência do sujeito. A instituição do eu não é capaz de suplantar o resíduo social uma vez que desde o início na sua composição necessita-se recorrer a outro lugar, entenda-se o eu como a conversão de uma trama social em autojuízo psíquico.

Reflexões finais

As minhas idas e vindas aos textos de Judith Butler se tornaram frequentes. E diversas vezes foi preciso fazer um percurso por seus interlocutores, especialmente Freud, Lacan e Foucault. Esses autores subsidiaram a ideia de que o psíquico é elemento formador do sujeito e nenhum deles percebeu o psíquico como distanciado da história. Ao contrário, o psíquico coaduna o social porque este serve de húmus para aquele.

A leitura de *Mecanismos psíquicos del poder* me possibilitou entender que o sujeito se constrói através do psíquico e do histórico ainda que este detenha a primazia. É em relação à história que parece se repetir que o sujeito intervém sobressaindo-se da relação que mantinha com o outro. O sujeito, todos os dias, mergulha no mundo simbólico, no mundo do discurso, quer de familiares, vizinhos, escolas, igrejas, associações etc. Esses signos estão do lado de fora, mas não distantes. Ao contrário, o sujeito está se constituindo próximo dos discursos, apropriando-se deles, não de todo, certamente, mas apropriando-se do que lhe é possível em determinadas circunstâncias.



No início, a criança é o centro das atenções e lhe destinam muitas falas, olhares e cuidados. Mas, ao mesmo tempo em que o sujeito é aprisionado no discurso do outro, ele elabora, re-elabora e vai constituindo a sua existência. É da ambivalência que o sujeito responde à submissão e lhe resistirá. O sujeito vai prestar contas de sua imersão no simbólico. Também ele vai revelar por meio dos signos o que pensa, o que deseja. Sua fala reverbera em si e nos outros que o ouvirão e lhe falarão muitas outras vezes.

Assim, o sujeito pode resistir e expressar resistência. Não uma resistência que acontece de uma hora para outra, instintiva ou impulsivamente. Mas uma resistência também contingencial, resultado também das experiências que o sujeito está vivenciando naquele momento. Por isso que a resistência opera, de acordo com o que entendemos, na repetição e não é um fato único e isolado.

El sujeto sólo se mantiene como sujeto mediante una reiteración o rearticulación de sí mismo como tal, y que su incoherencia, su carácter incompleto, puede residir en el hecho de depender de la repetición para alcanzar a coherencia. La repetición o, mejor dicho, la iterabilidad, se convierte por tanto en el no-lugar de la subversión, en la posibilidad de una reencarnación de la norma subjetivadora que redirija su normatividad (BUTLER, 2010, pp. 112-113).

Na interatividade, como diz Butler, é que se expressam as diferenças, é que o pensamento tornado discurso sai de si para o outro e reverbera retornando a si. A resistência pode ser reiterada ou não, conseqüentemente, o discurso constitutivo do sujeito se faz presente. Essa repetição não é para coser um sujeito, fazê-lo constitutivo de uma identidade que o revestirá, mas uma repetição que justamente permite ao sujeito seu caráter múltiplo, contraditório e inconstante.

Por isso, o pressuposto básico é de que a escola é, indubitavelmente, um dos espaços em que se exige mais sujeição e ao mesmo tempo mais se promove ousadia e liberdade. Os micropoderes presentes numa instituição escolar circulam em sala de aula, corredores, salas administrativas, no portão, nas quadras esportivas e nos laboratórios. Em tais espaços estão os micropoderes direcionando, organizando, vigiando, mas ao mesmo tempo criando resistência, espaço de discussão, infração e fuga. É o que se pode observar quando mulheres atuam no espaço escolar-profissional como alunas nos cursos de Informática, Eletromecânica, Eletrônica e Eletrotécnica de uma escola profissionalizante brasileira.



Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Regulaciones de género. In: *La Ventana*, n. 23, pp. 07-35, 2005.
- _____. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Trad. Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós-Entornos, 2008.
- _____. *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*. Trad. Jacqueline Cruz. Madrid: Ediciones Cátedra, Universitat de Valencia e Instituto de la Mujer, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Raquel Ramalheite. São Paulo: Vozes, 2007.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 7, pp. 121-252). Rio de Janeiro: Imago, 1990a.
- _____. O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). 1990b.
- _____. Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.13, pp.11-191). Rio de Janeiro: Imago, 1990c.
- LACAN, Jaques. O Simbólico, o Imaginário e o Real. *Conferência de 8 de julho*, Mimeo, 1953.
- _____. *Seminário V. Formações do Inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- SANTOS, Elza Ferreira. *Mulheres entre o lar e a escola: os porquês do magistério*. São Paulo: Annablume, 2009.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto alegre, 16(2): jul-dez., pp. 5-22, 1989.

